

Machiavelli's Virtue (1996) – Harvey C. Mansfield, Jr. *University of Chicago Press*, 15 de abril de 1966 – Ciência Política – 371 páginas

O que é a Modernidade? Seria ela arranha-céus, celulares inteligentes, medicamentos milagrosos, bombas atômicas? Longe disso! A Modernidade, pelo menos no Ocidente, é a jornada que se distancia da virtude religiosa rumo ao egoísmo secular. A virtude religiosa serve muito bem para a família e o mundo da moralidade privada. Mas a nação – aquela estrutura política atual – requer algo mais frio, bem mais frio. Pois a nação deve organizar a vida de milhões de estranhos e proteger a necessidade dos mesmos para que, egoisticamente, consigam adquirir bens materiais.

O roubo generalizado resultaria em anarquia. Assim, a nação monopoliza o uso de força, arrebatando-a do elemento criminoso. A nação não apela a Deus, mas sim ao egoísmo individual. Dessa forma, desbrava o caminho para o progresso.

Thomas Hobbes concebeu o mundo moderno em sua obra, *Leviatã*, publicada em 1651. Erroneamente, Hobbes é famoso por ser um filósofo sombrio, devido a ênfase em anarquia. Na verdade, era um otimista liberal, que percebia o Estado como a solução à anarquia, permitindo às pessoas a aquisição de posses e o estabelecimento de comunidades. Ele sabia que a ordem deve preceder um mundo melhor. Somente assim a humanidade conseguiria dedicar-se a restringir tal ordem para que deixasse de ser tirânica.

Sua filosofia baseou-se no primeiro dos modernistas, Florentino Niccolò Machiavelli, (início do século XVI), cuja obra prima, *O Príncipe*, foi redigida há 500 anos, em 1513. É tão importante como o aniversário do descobrimento da América por Colombo, celebrado em 1992.

Ao distanciar a política do fatalismo bitolado da Igreja Católica Romana, Machiavelli criou aquela mesma política secular da qual Hobbes conseguiu conceber suas ideias acerca da nação. Pode ser que *O Príncipe* não seja uma obra que trate do cinismo, mas sim um guia para superarmos o destino – o fatalismo da Igreja da época. Assim, talvez Machiavelli, mais do que Michelangelo, seja o verdadeiro arquiteto da

Renascença. Os fundadores da República Americana que conceberam a diretriz que deu origem ao conceito da separação entre a Igreja e o Estado, onde o governo existe para estabelecer as regras que outorgam aos indivíduos a liberdade de competir livremente em aquisição de riqueza, devem muito a Machiavelli e a Hobbes.

No entanto, os princípios da modernidade Ocidental iniciam, de fato, mais com Machiavelli do que com Hobbes. Na verdade, somos afortunados, pois contamos com a presença do Catedrático da *Harvard*, Harvey. C. Mansfield Jr. Ele sabe que mais vale expor duras verdades do que ser querido e receber boas críticas. É por isso o grande respeito que sinto por ele, apesar de não conhecê-lo pessoalmente. Mansfield é famoso como deve ser um grande sábio–pelas obras.

Mansfield é um acadêmico clássico de próprio mérito, apesar de citar em sua obra, *Machiavelli's Virtue* (1996), as ideias de um antigo intérprete de Machiavelli, o cientista político da Universidade de Chicago, Leo Strauss.

Mansfield, com sua interpretação do italiano original de Machiavelli, explica que a necessidade libera as pessoas da fé religiosa. Talvez orem a Deus e frequentem a igreja, sinagoga ou mesquita, mas também devem ter acesso a alimentos e posses para o bem-estar de seus entes queridos. Por conseguinte, competem com o resto da humanidade, da mesma forma que as nações competem entre si. No entanto, não é algo que se deve lamentar. Em última análise, o interesse pessoal leva à paz, enquanto que os princípios morais rígidos levam, muitas vezes, à guerra. O interesse pessoal informa o compromisso com outros seres humanos. Assim, um estado governado pelo interesse pessoal provavelmente entrará em acordos com outras nações, enquanto que uma pessoa ou nação governada unicamente por virtude religiosa ou moral tenderá a taxar de imorais aqueles com quem discorda – e é aí que jaz o conflito. Em outras palavras, a virtude é algo muito bom. Mas ao extremo – por aticar a beatice – é perigosa. É, em última instância, nessa máxima que encontramos a justificativa pela moderação contemporânea em política e estadismo.

Aqueles que pensam que tal conclusão seja sombria ou cínica podem crer que a política interrompe a necessidade primitiva. Machiavelli, de acordo com Mansfield, duvida. Sim, pode ser que os políticos anunciem

sua intenção de lutar pela verdade e justiça. No entanto, seus interesses e determinação tácitos, até mesmo em democracias – especialmente em democracias – têm a ver, na verdade, com a satisfação das demandas egoístas dos constituintes.

Admita, a necessidade básica é um componente da condição humana. Por conseguinte, a única maneira de reduzir conflito e sofrimento é através da previsão cheia de angústia, ou seja, a capacidade de prever o perigo e as necessidades futuras. Consequentemente, as agências secretas, mais do que as humanitárias contam com a maior probabilidade de evitar atrocidades.

Em política, explica Machiavelli (através de Mansfield), aquele que faz o bem muitas vezes não pode ser bom. Até mesmo deve aprender a ser mau, ou no mínimo saber manipular para alcançar o bem comum. Não é necessariamente uma questão de *o fim justifica os meios*, pois Machiavelli toma cuidado em estipular que somente um mínimo de crueldade deve ser empregado para um máximo de benefício.

De fato, Machiavelli foi humanista precisamente porque estava interessado nos seres humanos e não em Deus. Ele crê que se define algo em política, não pela sua inerente excelência, mas pelo seu resultado. Porque a virtude política é diferente da perfeição individual. Um líder pode ser honesto, altruísta e moral, mas se inicia uma guerra que mais tarde resulta desnecessária e onde muitos perdem a vida, ele carece de virtude, apesar de possuir coração compassivo. Por outro lado, pode ser que um líder seja cínico, egoísta e excessivamente ambicioso. No entanto, se ele mantém os compatriotas longe de riscos, pode-se dizer que possui virtude – apesar de uma personalidade pouco atraente. O problema é que a amabilidade nada tem a ver com a virtude. Isso porque o interesse da política, e especialmente da geopolítica – de acordo com Machiavelli – é o mundo material e não o paraíso. De fato, Machiavelli era humanista precisamente porque estava interessado nos seres humanos e não em Deus.

Mas tinha seus limites. Por exemplo, não poderia ter previsto o totalitarismo do Século XX que retratou o egoísmo da Igreja medieval com a qual estava em conflito, mas em escala muito maior. Imaginou a

luta sem fim entre as cidades-nações italianas, mas não os conflitos titânicos entre poderes nucleares gigantescos. Porque, supostamente, os riscos são maiores agora. Devido as armas de destruição em massa, existe o perigo de darmos demasiada latitude a Machiavelli, empregando sua filosofia para justificar todo tipo de subterfúgios perigosos.

Mas existe um perigo ainda maior em simplesmente descartarmos sua filosofia como se não fosse digna da nossa – assim denominada – era iluminada. Porque essa era não é determinada pela globalização, mas sim pela batalha pelo espaço e poder, o que ocorre entre as nações e grupos dentro das mesmas – como demonstra o distúrbio etno-sectário em todo o Oriente Médio.

Um líder norteamericano forçado a lidar com tal anarquia e, ao mesmo tempo tomar cuidado para adotar o tom correto para com uma China cada vez mais militarizada e uma América Latina em fase de expansão econômica poderia ser bem pior do que apenas maquiavélico. E graças ao Professor Mansfield, sabemos agora o verdadeiro significado do adjetivo.

Robert D. Kaplan

Robert D. Kaplan é um Jornalista norteamericano. Atualmente faz parte da Stratfor, em Austin, Texas. Em 2009 foi designado pelo Secretário de Defesa, Robert Gates, para participar da Junta de Diretrizes em Defesa [*Defense Policy Board*]. Em 2011 foi nomeado pela revista *Foreign Policy* como um dos “100 mais intelectos mundiais”. É autor de renome, com mais de uma dezena de livros publicados. Seus dois últimos volumes são *Monsoon: The Indian Ocean and the Future of American Power* e de *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us about Coming Conflicts and the Battle Against Fate*.

Sob permissão de Stratfor